



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Um tradutor/intérprete pode vir a ser considerado um intelectual?

Carla Machado de Sá Stein
Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução/PGET–
UFSC - Brasil
Professora no Instituto Federal Catarinense (IFC)- Campus Camboriú- SC
Email: carla_machado@ifc-camboriu.edu.br

Resumo: O presente artigo propõe aproximar filósofos como Said (2005), Sartre (1994) e Bobbio (1997), porém atendo-se ao conceito da figura do intelectual contemporâneo, uma vez que pretende-se averiguar o papel do intelectual tradutor. A proposta é fazer uma leitura de algumas obras dos escritores acima citados, fazendo um percurso teórico a partir das reflexões desses autores, do que vem a ser um intelectual. Em seguida, pretende-se ultrapassar a poética do romance “Fontamara” do escritor italiano Ignazio Silone (traduzido em 22 línguas) e finalmente fazer um paralelo entre as leituras dos autores e da obra supracitada, com a profissão do tradutor. Será feita uma ligação entre a imagem do tradutor e a de um intelectual, ou seja, os tradutores, no ponto de vista dos autores acima citados, seriam tidos como intelectuais. E perante a sociedade do nosso século, como é visto esse profissional? É valorizado?

Palavras-chave: Escritores. Intelectual. Tradutor.

Introdução

De acordo com a professora Dra Patrícia Peterle¹ todo escritor é um produtor de significados e para isso ele precisa ser um grande leitor. E como fazer a relação entre intelectual escritor dentro da relação poder e censura? Para chegar a uma constatação, a referida professora nos trouxe leituras de grandes escritores como: Said, Sartre e Bobbio.

Após reflexões acerca do pensamento dos escritores acima mencionados, constatamos que o papel do intelectual no século XXI não mais pode ser de legislar e sim de interpretar, oras, o tradutor também pode vir a ser um intérprete, sendo assim, ele também pode ser considerado um intelectual?

No mundo em que habitamos ainda há lugar para este tipo de homem que atravessa os muros da academia para falar aos seus compatriotas? A ideia de como o século XXI pensa, vê o intelectual, vem do francês Zola (Émile Édouard Charles Antonie Zola – 02/04/1840 a 29/09/1902), um homem que possui um elevado engajamento político, um consagrado escritor dos jornais *Cartier de Villemessant's* e *Controversial*, criador e representante de maior importância da escola literária naturalista e uma expressiva figura libertária da França que atraía a atenção negativa da crítica especializada.

Em 1866 o escritor foi severamente criticado quando publicou o romance *Thérèse Raquin*, onde Zola faz uma análise do ser humano, da moral e da sociedade. E por este feito, esta obra torna-se o marco inicial do movimento literário Naturalismo.

Suas colunas não poupavam críticas e em 1902, Zola foi assassinado (inalação de monóxido de carbono vindo da lareira defeituosa da sua casa). Isso ocorreu quatro anos depois de ter publicado na primeira página do jornal *L'Aurore/1898* a carta enviada ao presidente da França Félix Faure sob o título “*J'accuse*” (Eu acuso!), onde é denunciado o Alto Comando Militar francês, os

¹ Prof. Dra Patrícia Peterle – Disciplina: Literatura, Poder e Censura no Século XX – PGET/UFSC.

tribunais e todos os responsáveis pela fraude em que o judeu Alfred Dreyfus foi vítima. Sua obra é traduzida em várias línguas, sua fala tem “força” porque naquele momento a França perdeu a guerra para a Alemanha e Zola usa todo seu “poder” em âmbito literário para falar e defender o capitão do Exército francês Dreyfus que foi injustamente acusado pelos monarquistas de ter vendido segredos militares aos alemães e condenado a prisão perpétua na Ilha do Diabo na Guiana Francesa (depois anistiado e reabilitado). O caso Dreyfus repercutiu o mundo, mas a farsa foi esclarecida graças a alguns escritores como Anatole France, Émile Zola e do brasileiro Rui Barbosa.

Depois da notável carta de Zola, escritores como Proust e Anatole France, além do próprio Zola, assinaram o *Manifesto dos Intelectuais*, documento que solicita a reparação de uma injustiça, além disso, fixa a idéia do intelectual como o indivíduo não apenas ligado à produção simbólica, mas também participante ativo dos conflitos sociais e políticos.²

Zola pode ser considerado um exemplo de intelectual do século XXI, por ter feito da literatura um canal para se comunicar, a arte como um canal de comunicação, suas palavras ganharam um valor que saíram da dimensão literária.

E para Said, Sartre e Bobbio o que seria um intelectual? O que esses intelectuais falam a respeito dos intelectuais, ou seja, a respeito de si próprios? Existiria um intelectual independente e livre para dizer o que pensa? O que vamos tratar neste artigo são posições divergentes sobre a polêmica a respeito dos intelectuais. Verificaremos se eles têm uma função específica e qual seria, e sobre as várias atitudes que eles podem ou devem assumir na sociedade. Para esses autores a figura do intelectual está em evidência. Se minha preocupação no presente artigo são as representações de intelectuais segundo Said, Sartre e Bobbio, então é necessário estabelecer que concepções de intelectual esses filósofos têm em mente e como elas são vistas.

² <http://www.fpabramo.org.br/conteudo/ensaio-sartre-intelectual-publico>

1. EDWARD SAID

Edward Said foi o intelectual palestino de maior renome e influência no mundo, um crítico literário de primeira grandeza. Tornou-se um dos mais polêmicos, pela maneira como costumava apresentar seu ponto de vista. Como palestrante convidado das prestigiadas Conferências Reith de 1993, uma série de programas radiofônicos inaugurada por Bertrand Russel em 1948 e transmitidas pela BBC de Londres, se pergunta se os velhos intelectuais, sábios e independentes, ainda podem mesmo existir. E, se existem, será que ainda conseguem preservar o espírito "amador"? Ou seja, sem aquilo que os sempre caracterizou, sem algemas institucionais e compromissos com escolas e métodos. Essas conferências foram reunidas e publicadas em 2005 sob o título "Representações do Intelectual" traduzidas por Milton Hatoum. A obra tem como tema central a figura do intelectual como porta-voz da verdade que precisa ser dita na sociedade, contra a dominação e em favor dos que não têm voz, o intelectual como alguém que existe para falar a verdade ao poder, "subverter o poder da autoridade" (SAID, 2005, p. 4).

O intelectual é alguém que precisa tomar posição na sociedade, sem medo de perder privilégios. Falar a verdade ao poder não é uma tarefa fácil, "é pesar cuidadosamente as alternativas, escolher a certa e então representá-la de maneira inteligente, onde possa fazer o maior bem e causar a mudança correta" (SAID, 2005, p. 104), afinal, é como diz Said, os deuses sempre falham.

A idéia principal de Said é que o intelectual não deve se fechar na academia, ausentando-se dos debates e discussões sobre problemas do seu tempo. O intelectual é criticado por fazer o que tem de ser feito, por se comprometer e não abdicar do seu papel de instigar e desestabilizar a ordem.

Sua obra é resultado de um esforço para não se trair e não trair suas idéias, pois buscou incontestavelmente ser coerente e nunca deixou de "dizer a verdade ao poder". Em "Representações do Intelectual" Said diz para que serve o homem cuja matéria-prima é a idéia e como ele se relaciona com o poder. Ele discute a

importância dos verdadeiros intelectuais nas transformações sociais. Para que servem? Ainda têm alguma função? Ainda existem?

Buscando no dicionário a definição de intelectual, veremos que é um indivíduo com gosto pelas coisas do espírito e da inteligência, porém esta resposta é vaga, uma vez que ela inclui e exclui ao mesmo tempo um imenso número de candidatos. E é aqui que temos a importância da resposta de Said. Na sua definição, os intelectuais devem ter “a vocação para a arte de representar, seja escrevendo, falando, ensinando ou aparecendo na televisão”, sendo que a “arte de representar” para Said é ter uma atuação pública, é personificar idéias e causas (dilema palestino), com isso o autor lança seu olhar compassivo aos mais fracos e desfavorecidos, combinando pensamento crítico e compreensão da história, reafirmando assim o pensamento de Gramsci: “todos os homens são intelectuais”, mesmo que nem todos os homens desempenhem “na sociedade a função de intelectuais” (SAID, 2005, p. 23).

Para Said, o intelectual deve ser comprometido com o que diz, por ser “dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público” (SAID, 2005, p. 28). A função do intelectual seria causar embaraço, “ser do contra e até mesmo desagradável” (SAID, 2005, p. 32), ser intelectual é uma responsabilidade pública, mas também, um jeito de viver.

No livro “Os últimos intelectuais” do norte-americano Russel Jacoby, o autor lastima a substituição dos intelectuais norte-americanos por “técnicos de sala de aula”. Jacob diz que esses “profissionais do pensamento” estão comprometidos apenas com missões acadêmicas e patrocinadores privados e por isso não conseguem dispor de liberdade para pensar. Os intelectuais de hoje não promovem o debate, a controvérsia, apenas se limitam a “estabelecer reputações e intimidar os não-especialistas”, porém para Said o pensamento a respeito do intelectual não é assim tão pessimista. Ele diz que “ser um intelectual não é de jeito nenhum incompatível com o trabalho acadêmico”, o problema não seria a vida acadêmica, ou a fuga para o interior. A idéia central de Said é a de que o intelectual não deve se

fechar na academia, ausentando-se dos debates e discussões sobre problemas do seu tempo. “É, antes de tudo, uma atitude, que vou chamar de profissionalismo”.

Para Said a figura do intelectual estaria comparada a de um exilado (o exílio como uma condição privilegiada), de alguém que está desligado de qualquer raiz, mas que leva consigo os lugares. Não está totalmente liberto do antigo lugar e nem completamente integrado ao novo (SAID, 2005, p. 62). “Para o intelectual, o exílio, nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros” (SAID, 2005, p. 65). Trata-se de uma “terra de ninguém” que, se o isola e até angustia, pode lhe fornecer a coragem necessária para falar, escrever e agir. Em outras palavras: o destino do exilado não é uma privação ou algo a ser lastimado, mas “uma forma de liberdade” que não exclui o compromisso. Said diz que o intelectual deve ser capaz não só de praticar a liberdade, mas também de suportar o seu peso, afinal não é nada fácil ser livre, nem mesmo para um homem de idéias.

O que seria então um intelectual para Said? Qual a sua relação com a sociedade, a imprensa e as instituições? Ele diz que a melhor posição do intelectual é a de amador, é não ter vínculo com qualquer instituição que venha a impedi-lo de dizer o que tem de ser dito. Said diz que ser amador é “literalmente uma atividade que é alimentada pela dedicação e pela afeição, e não pelo lucro e por uma especialização egoísta e estreita” (SAID, 2005, p. 91). E o porquê desse não profissionalismo? Porque a profissionalização exige a especialização, é estar filiado a idéias e métodos inibindo a liberdade do intelectual. A profissionalização “também mata os prazeres do arrebatamento e da descoberta, *ambos* irredutivelmente presentes na índole do intelectual” (SAID, 2005, p. 96).

Para Said profissionalismo é uma atividade intelectual apenas em horário comercial que se preocupa em não fugir dos paradigmas dominantes. Essa idéia de “profissional” do pensamento faz com que os intelectuais caiam em uma rede de pressões que acaba por paralisá-los. Portanto, o autor diz que as principais marcas do intelectual devem ser: o exílio, o “amadorismo”, o desapego às tradições, a distância crítica e a intervenção mediadora. Said, assim como Sartre defende a idéia de um intelectual “universal” (tendo como valores universais a razão, os direitos

humanos, a liberdade), pois para esse intelectual o reconhecimento da comunidade científica não é tudo. Said é contra o intelectual “profissional” que se restringe a ser lido por seus semelhantes e acolhido por seus avaliadores graduados.

O que importa para o intelectual saidiano não é a dualidade “bem ou mal”, e essa é a sua principal tarefa, que é a desconstrução de idéias que num certo ponto tornaram-se hegemônicas e algumas vezes chamadas de tradições. Sendo que o exílio desse intelectual pode vir a ser o exílio dele mesmo em relação a essas tradições.

Edward Said (SAID, 2005, p. 28) faz a definição de intelectual conceituando-o como aquele “capaz de falar a verdade ao poder, um indivíduo ríspido, eloqüente, fantasticamente corajoso e revoltado, para quem nenhum poder do mundo é demasiado grande e imponente para ser criticado e questionado de forma incisiva”. Um intelectual não apenas luta pela libertação, mas também questiona os objetivos da revolução e o futuro da nação depois de libertada. Agindo assim, o intelectual estaria cumprindo uma das suas funções que é o engajamento na luta anticolonial. Portanto, não basta que o intelectual participe dos discursos do anticolonialismo. Essa simples disposição não é suficiente. Há sempre a questão do objetivo, que, mesmo na batalha, implica a análise das escolhas. Será que lutamos apenas para nos livrar do colonialismo, ou estamos pensando no amanhã? Sartre, sempre fascinado e comovido pelo injustiçado, assina o prefácio do livro *Les damnés de la Terre* (Os condenados da terra, 1961), um duríssimo manifesto anticolonialista escrito por Franz Fanon, legitimando a violência praticada contra os europeus, contra o branco opressor dos povos do Terceiro Mundo.

O que podemos perceber é que mesmo que haja importância no que o intelectual faz para garantir a permanência do seu grupo durante momentos de emergência, a fidelidade à luta do grupo não pode envolvê-lo a ponto de anestesiar seu discernimento crítico (SAID, 2005, p.55).

Intelectuais (SAID, 2005, p.65)¹⁶ são “indivíduos em conflito com sua sociedade e, em consequência, inconformados e exilados no que se refere aos privilégios, ao poder e às honrarias”. Said fala a respeito do exílio: “Para o intelectual, o exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a

condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros" (SAID, 2005, p. 121).

Para finalizar a idéia que Said faz do intelectual é que o mesmo não pode estar fechado na academia, não deve se ausentar dos debates sobre os problemas da sua época. O intelectual precisa representar a verdade de uma maneira ativa, caso contrário, ser passivo e deixar ser dirigido por uma autoridade ou poder.

2. SARTRE

Agora vejamos o que Sartre, um dos mais significativos e representativos pensadores do século XX tem a dizer sobre o intelectual. Primeiro um pouco sobre sua vida, sua história. Seu pai foi oficial da marinha, morreu cedo e por esse motivo Sartre foi criado pela mãe e pelo avô. Jean-Paul Charles Aymard Sartre (21/06/1905 a 15/04/1980) foi um filósofo francês, escritor e crítico, notório representante do existencialismo. Na realidade, Sartre universalizou o existencialismo, fez com que ela se tornasse uma espécie de doutrina da liberdade. Sartre foi um dos principais representantes dessa corrente, além disso, o que melhor disseminou as teses existencialistas, utilizando as mais diferentes formas de linguagem: filosófica, literária e teatral.³

Em 1929, tem uma aproximação com Simone de Beauvoir e é recebido no círculo filosófico. Logo, constitui uma família com Simone de Beauvoir, as irmãs Kosakiewicz, Jacques-Laurent Bost, Michelle Vian e Arlette Elkaïm (filha adotiva). Chamado pelo Exército, em setembro de 1939, virou prisioneiro em junho de 1940. Ao regressar do cativeiro, fundou o grupo Socialisme et Liberté (Socialismo e Liberdade) e se engajou na resistência intelectual.

³ <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp41art00nota.pdf>
<http://www.miniweb.com.br/biblioteca/artigos/sartre.pdf>
<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/simone.pdf> <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/impulso41.pdf>
<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp41art00nota.pdf>

Sartre dizia que os intelectuais tinham de exercer um papel ativo na sociedade.⁴ O pensamento sartriano era de que o homem é livre e responsável por aquilo que está ao seu redor, que somos responsáveis por nosso passado, presente e futuro. Conhecido como “o Pedagogo da segunda metade do nosso século” ou o “Sócrates da nossa época”, mostrando a todos uma “lição permanente de independência absoluta”, Sartre foi o mais ilustre, detestado e exaltado intelectual francês do século 20.⁵

Nada me é vedado, “tudo é permitido”. O “homem é livre”... “está condenado a ser livre”. Estamos sós e sem desculpas, pois não estamos sujeitos “ao domínio luminoso dos valores” (religiosos ou ideológicos). O homem, lançado ao mundo, “é responsável por tudo quanto fizer”. Para Sartre, quem deposita a causa da sua ação ou da sua inação num outro, numa força externa, numa entidade, crença ou ideologia, manifesta certamente “má-fé”, que nada mais é senão querer fugir da angústia de ter que escolher, de ter que decidir por si mesmo. Negar a liberdade que se tem é covardia.⁶

Em outubro de 1945 houve uma conferência de Sartre “Existencialismo é um Humanismo”, onde o filósofo iria expor os princípios da sua filosofia. “*Tout Paris*” foi assistir o que provocou um verdadeiro *frisson*. Havia umas 300 pessoas num local para 200, todos estavam extasiados com tamanha sabedoria. O homem é o que se lança para o futuro, ele tem a consciência de se projetar no futuro: “A existência precede a essência” – dizia ele. O homem não tem a capacidade de ir além da subjetividade humana, já que cada um de nós elege a si próprio, e nas eleições que fazemos nunca optamos pelo mal, o que apoiamos sempre é o bem. O que for bom para nós tem que ser para todos. Sartre defende a idéia que “*meu ato...é uma manifestação universal*”, o que ele diz escolher é o que lhe parece ser do bem e pretende com isso que todos façam como ele e o sigam. Ele é responsável por ele mesmo e por todos.

Sartre cria uma imagem do homem escolhida por ele mesmo, tornando-se um legislador, com intermináveis responsabilidades. Essa escolha gera uma liberdade que lhe causa uma certa aflição, mas ela não faz com que Sartre fique parado, ao contrário, ela é a condição da sua atuação, e a sensação de abandono vem da consciência de que Deus não existe. O pensamento sartriano é que tudo é

⁴ <http://www.miniweb.com.br/biblioteca/artigos/sartre.pdf>

⁵ http://www.ppgf.ufba.br/dissertacoes/Jorge_Freire_Povoas.pdf
<http://www.miniweb.com.br/biblioteca/artigos/sartre.pdf>

⁶ <http://www.miniweb.com.br/biblioteca/artigos/sartre.pdf>

permitido, o homem é livre, e a sua condenação é a liberdade. O homem não está sujeito ao domínio religioso ou ideológico, ele é responsável por tudo que faz. A divindade não traça o destino do homem, ele que traça seu próprio caminho. O homem só passa a existir na medida em que se realiza, ele é o conjunto dos seus atos. Para Sartre o homem de “má-fé” é aquele que deposita no outro a culpa da sua ação, que foge da angústia da escolha, que não quer decidir por si mesmo. Quem nega a sua própria liberdade é covarde. Quem obedece aos dogmas da religião ou de um partido está fugindo da responsabilidade dos seus atos. Para Sartre os deterministas são covardes.⁷

O existencialismo é uma defesa à liberdade, ela é a base de todos os valores, porém no nosso anseio por ela, descobrimos que nossa liberdade depende completamente do Outro.⁸ O que acaba nos forçando a querer a liberdade do Outro. No existencialismo o Outro é indispensável à minha existência. Sartre, leal à liberdade plena, diz que é possível aos homens de pensamento, ou seja, os intelectuais, agirem na defesa de causas em prol da liberdade individual e coletiva. Ele era deslumbrado pela política, por ela ser comprometida com o Outro⁹. Assim o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre explora a ambigüidade da existência humana; o privilégio de ser gente e o confronto das liberdades e condições da particularidade de cada um.

Sartre (1994) o que mais assumiu a figura do intelectual, o que mais se envolveu nas polêmicas da sua época, diz que o intelectual não pode estar alheio ao mundo que o cerca, ele precisa servir à literatura e servir à coletividade, ele deve estar cara a cara com os acontecimentos, com os dramas, com a felicidade, isso é que é ser um intelectual responsável e engajado. O poder tem que ter medo do intelectual porque este se mete em tudo que é, e o que não é da sua conta, tornando-se assim um traidor para a classe dominante¹⁰. Sartre era um implacável

⁷ <http://www.docstoc.com/docs/39137343/Cadernos-de-Hist%C3%B3ria-Memorial-RS-%E2%80%93Centen%C3%A1rio-de-JPSartre>

<http://www.apacp.org.br/art049.html>

⁸ <http://www.miniweb.com.br/biblioteca/artigos/sartre.pdf>

⁹ <http://www.miniweb.com.br/biblioteca/artigos/sartre.pdf>

¹⁰ <http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/298-os-intelectuais-e-a-revolu%C3%A7%C3%A3o-uma-an%C3%A1lise-de-personagens-de-%C3%A9rico-ver%C3%ADssimo-e-pepetela.html>

crítico ao mundo burguês e suas hipocrisias. Segundo o autor o lugar do intelectual crítico é o exílio¹¹.

3. BOBBIO

E para o notável filósofo italiano Norberto Bobbio qual seria o conceito de intelectual? Norberto Bobbio (Turim 18/10/1909 A 09/01/2004) foi um filósofo político, historiador do pensamento político e senador vitalício italiano. Nasceu na capital do Piemonte, em uma família burguesa tradicional, filho de um médico-cirurgião, Luigi Bobbio, neto de António Bobbio, professor primário, depois diretor escolar, católico liberal que se interessava por filosofia e colaborava, periodicamente, nos jornais. Viveu durante a infância e adolescência em uma família abastada, com criadas e motorista. Teve uma educação liberal.

Morreu no ano de 2004 com 94 anos e deixou uma grande produção intelectual durante quase setenta anos de atividade, como professor universitário, ensaísta ou articulista de imprensa. Sua atuação pública como intelectual contribuiu para aproximar as pessoas através do debate. Ele tinha uma elevada preocupação em relação às questões sobre democracia, liberdade, igualdade e por esse motivo Bobbio parecia ser um intelectual que vivia com os nervos a flor da pele¹².

Bobbio diz que:

...se o homem de cultura participa da luta política com tanta intensidade que acaba por se colocar a serviço desta ou daquela ideologia, diz-se que ele trai sua missão de clérigo [...] Mas se, de outra parte, o homem de cultura põe-se acima do combate [al di sopra della mischia] para não trair e se 'desinteressar das paixões da cidade', diz-se que faz obra estéril, inútil, professoral (BOBBIO, 1997, p. 21, 22)

Para Bobbio o que caracteriza os intelectuais é justamente o poder ideológico:

...ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do

¹¹ <http://www.miniweb.com.br/biblioteca/artigos/sartre.pdf>

¹² <http://www2.fpa.org.br/conteudo/cultura-bobbio-politica-da-cultura-e-os-intelectuais>

poder militar, não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de idéias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra (BOBBIO, 1997, p. 11)

O intelectual tem uma tarefa política de criar ou transmitir idéias ou conhecimentos políticos importantes, de promover um debate vivo e atual. E é essa tarefa que distingue o intelectual “ideólogo” e “experto”, a questão da responsabilidade dos intelectuais. (BOBBIO, 1997, p. 101, 102, 103). O intelectual ideólogo (não corresponde ao intelectual tradicional de Gramsci, 2000 – deve obedecer à ética da convicção) seria aquele que fornece princípios-guia aos detentores do poder, deve obedecer à ética da convicção e tem como dever de ser fiel a certos princípios enquanto que o intelectual experto (não corresponde ao intelectual orgânico de Gramsci, 2000 – deve obedecer à ética da responsabilidade) seria aquele que fornece o conhecimento técnico, deve obedecer à ética da responsabilidade e tem como dever propor meios apropriados ao fim. (BOBBIO, 1997, p.73-97).

O que podemos perceber é que ambos têm responsabilidade, porém diferente. A responsabilidade do primeiro diz respeito à pureza dos princípios e não às conseqüências, enquanto que a do segundo é quanto às conseqüências que derivam dos princípios (BOBBIO, 1997, p. 97). É por esse motivo que quando trataremos de intelectual do ponto de vista de Bobbio, falaremos em “responsabilidade” e não em “engajamento”, pois para Bobbio o que vale não é o motivo pelo qual o homem de cultura se engaja ou deixe de se engajar, mas que ele assuma toda a responsabilidade e conseqüências dos seus atos, afinal é imprescindível que na democracia que ninguém seja irresponsável (BOBBIO, 1997, p.100, 103, 104). Podemos neste momento lembrar que Sartre é a favor do engajamento e que para Bobbio, engajar-se significa simplesmente tomar partido.

Segundo Bobbio:

Os ideólogos são aqueles que elaboram os princípios com base nos quais uma ação é justificada e, portanto, aceita – em sentido forte, a ação é “legitimada”[...] ; os expertos são aqueles que, indicando os conhecimentos mais adequados para o alcance de um determinado fim, fazem com que a ação que a ele se conforma possa ser chamada de racional segundo o objetivo [...](BOBBIO, 1997, p. 73, 74)⁴⁶

[...] O dever dos primeiros é o de serem fiéis a certos princípios, custe o que custar; o dever dos segundos é o de propor meios adequados ao fim, e portanto, de levar em conta as consequências que podem derivar dos meios propostos. (BOBBIO, 1997, p.97)

4. FONTAMARA

Na primeira metade do século XX tivemos inúmeros acontecimentos histórico-políticos e culturais que influenciaram toda uma geração de escritores e artistas. Parte dos escritos literários refletiam as experiências reais dos autores, que são caracterizadas pelos regimes totalitários, fascismo, antifascismo e pelo exílio e essas são as marcas que vamos encontrar nas obras silonianas¹³.

Ignazio Silone (1900-1978) considerado uma das grandes personalidades intelectuais italianas e até mesmo européias do século XX, nasceu em 1900 em Pescina dei Marsi, na província de Aquila, no povoado de Abruzzo em uma família de ex imigrantes regressados de Brasil. Foi o segundo filho de uma família de sete irmãos, registrado com o nome de Secondo Tranquilli. Seu pai era um pequeno produtor agrícola e foi com ele que o escritor aprendeu a amar e respeitar a terra, que embora sendo seca e dura, era o que lhes oferecia o necessário para a sobrevivência. Ficou órfão aos 15 anos quando quase todos seus familiares perderam a vida no terremoto de Avezzano (1915). Em 1923 adotou o pseudônimo de Silone, nome de origem latina que tem como patrono um personagem histórico Quintus poppedius Silone, chefe militar que se destacara na defesa da Marsica, sua terra natal e posteriormente acrescentou Ignazio em homenagem a Santo Inácio de Loiola (Silone era cristão). A primeira vez que ele adotou o nome Silone, ele estava no cárcere em Barcelona (1923) quando escrevia artigos para o jornal Batalha e por motivos políticos fazia uso desse pseudônimo para fugir das repressões da época. Nos tempos da clandestinidade havia essa necessidade de disfarce e Silone assim teve que atuar em outras fases da sua vida, vivendo assim uma certa “mentirinha”.

¹³ http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2009000100009&script=sci_arttext

E foi com esse pseudônimo que Secondo Tranquilli, um questionador de fatos e da realidade assinou seu primeiro e mais famoso romance, no qual estampou toda sua dor e sofrimento por estar distanciado da sua terra natal. Silone foi um militante político, diretor de jornais e escritor dos humildes. Deixou uma profunda marca na sociedade italiana com suas obras e sua atividade política.

Em 1917 se transferiu para Roma e se inscreveu na União Juvenil Socialista, em um período muito importante para a história do socialismo italiano. Em 1921 esteve entre os fundadores do Partido Comunista Italiano. Durante os anos do fascismo foi preso e logo em seguida viveu no exílio por quinze anos em várias cidades européias.

A literatura era tida para Silone como algo ético a serviço da verdade. A sua escrita representava um conjunto de necessidades, de expressão, de diálogo consigo mesmo, de comunicação com o outro, e foi também por isso que ele sofria uma profunda crise existencial em relação ao mundo, o que o levou a quase se suicidar. E escrevendo ele notou a possibilidade de ser a voz dos desfavorecidos e lutar pelos direitos do cidadão contra o poder opressor. Escrever para Silone é uma forma contínua de compreensão e questionamento da realidade que se depara ao seu redor, é uma forma de reação perante os problemas morais e sociais. O modo de escrever siloniano nasceu de uma cultura popular, não feita para o povo, mas que germinou e nasceu do povo. Silone quando então exercia seu papel de escritor, gostava de provocar uma certa inquietude em seus leitores, conseguia fazer com que ao lerem suas obras, as pessoas parassem para pensar na sua própria vida enquanto ser humano¹⁴.

Fontamara o primeiro romance da trilogia do exílio, conhecido como realismo social, a primeira e mais famosa obra de Silone que foi convertida em um caso literário de relevância internacional devido a seu conteúdo social, foi escrita em apenas três meses quando Silone foi internado por causa do grave estado de saúde num sanatório suíço, longe de sua terra e expulso do partido. Foi neste momento que ele encontrou na escrita uma maneira de falar consigo mesmo, rever os passos dados e recuperar os momentos importantes da sua vida. E foi durante o exílio em

¹⁴ http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2009000100009&script=sci_arttext

Davos, na Suíça que publicou Fontamara, romance produzido em 1930 em língua italiana, sua primeira publicação foi em alemão em 1933 e depois em outras línguas, totalizando 22 línguas diferentes. Foi publicado na Itália somente em 1945 como colaboração de uma revista semanal que o publicou em capítulos, porém não obteve a mesma repercussão que no exterior¹⁵.

O nome Fontamara é formado por duas palavras fonte e amara, fonte amarga, que é uma comparação de todos os infortúnios vivenciados pelos habitantes do pequeno vilarejo pobre na região do Abruzzo. Esse nome veio do nome de uma rua de uma cidade rural chamada Pescina dei Marsi onde Ignazio nasceu. O autor se inspirou na vida do povo desta cidade. Esta rua possui uma fonte de água para uso dos pedestres. O dia a dia dessa gente humilde serve de cenário para a exposição de temas como o Fascismo (antifascismo), a exploração, a falta de consciência política e a luta pela liberdade de pensamento e de ação. Podemos então perceber que nos livros de Silone, há elementos da sua própria existência. E a imagem que temos é a do homem em comunhão com a terra. Uma terra que apesar da hostilidade e da aspereza do solo, ela é altamente desejada, desejo esse que não diminui nem mesmo diante de terremotos e enxurradas. O romance é introduzido na primeira pessoa do singular onde podemos ver claramente demarcada a ala de Silone sendo ele observador e testemunha. A narrativa é feita por quatro personagens, no prólogo temos o próprio Silone e os outros são três agricultores fontamarenses.¹⁶

O livro possui um prólogo e dez capítulos é um tipo de obra que sugere temas complexos, vários significados a partir do qual se podem percorrer inúmeros caminhos e sentidos. Toda a trama se desenvolve em volta da aquisição e posse da terra, dos problemas que devem ser superados para a sua manutenção. Seus temas retratam a paisagem do interior, a miséria e os conflitos vividos pelos camponeses, o amor à terra, a posição social dos desfavorecidos, a busca pela mudança, a impossibilidade de diálogo entre o mundo camponês, fechado no dialeto, nos mitos, nos provérbios, que definem as verdades eternas, e os homens da cidade, que representam os tempos modernos, abertos ao novo e apartados do mundo atrasado

¹⁵ http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2009000100009&script=sci_arttex

¹⁶ http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2009000100009&script=sci_arttext

das províncias agrícolas, assim como também chama atenção para uma leitura da figura feminina.¹⁷

Ao descobrirem que o pequeno rio que fornece água para as plantações e sobrevivência da família foi cortada, a mando de um grande empresário, os cafoni (agricultores), que até então eram acostumados a sua vida pacata e tranqüila no povoado, se viram desamparados e incapazes de fazer alguma coisa para sanar o ocorrido, já que eram completamente ignorantes, no sentido do conhecimento. A água, algo necessário à sobrevivência é tolhida a estas pessoas, da mesma forma que lhes são tolhidas a liberdade de pensar e de se expressar. Começa então a eterna luta entre os lavradores e o poder, ou seja, dos humildes e oprimidos, agora nas mãos dos novos comandantes, da ditadura fascista, que vai piorar ainda mais a pobreza e a fome.

Silone descreve a hierarquia social imperante em Fontamara da seguinte maneira:

"Por encima de todos está Dios, señor del cielo. Esto lo sabe todo el mundo.
"Luego viene el príncipe Torlonia, señor de la tierra.
"Luego vienen los guardias del príncipe.
"Luego vienen los perros de los guardias del príncipe.
"Luego, nada.
"Luego, todavía nada.
"Luego, todavía nada.
"Luego vienen los payeses.
"Y se puede decir que aquí se acaba"(SILONE, 1900-1978, p. 44)

Nas primeiras décadas do século XX a Itália recém-saída de seu processo de unificação política-lingüística, deparava-se com situações conflituosas, muitas vezes as reivindicações dos trabalhadores rurais eram expressas de forma dura e violenta, levando as autoridades a reprimi-las. Os habitantes dos campos, impossibilitados de ascensão industrial, não encontravam outra saída senão lutar pelo acesso às terras, garantindo assim sua sobrevivência.

Parece ter ficado evidente, ao longo deste estudo, que o texto siloniano mostra a alma do fontamarense, seu sofrimento, seu dia a dia, preocupados em tirar da terra o mínimo necessário para sobreviver, o mínimo que viesse a garantir a sua

¹⁷ [www.silone.ithttp://amicisilone.altervista.org](http://amicisilone.altervista.org)

permanência junto ao solo pátrio. Silone vai além do supérfluo, mostra o paradoxo que é viver no campo para o campo, fazer com que a terra frutifique para depois morrer de fome. Silone vivia uma crise existencial, expatriado sozinho no mundo não podia regressar à Itália, teve que ir estudar em Roma sob a guarda da sua avó paterna. Decepcionado com a política e além disso, estava afastado da religião o que era seu sustentáculo nas horas mais difíceis, neste momento que ele produziu essa obra, que como podemos perceber trata-se de dados autobiográficos. Para Silone poder retornar à terra, à sua pátria é como voltar aos braços de sua mãe e voltar a se sentir protegido, amparado. Esse retorno da a idéia de um movimento de 360°, ou seja, o retorno ao ponto de partida o reencontro com a terra distante, a terra tão desejada.

5. TRADUTOR

Os anos 80 foi uma década de consolidação para a disciplina Estudos de Tradução:

Tendo feito a sua aparição nos finais dos anos setenta, começou a ser levada a sério e deixou de ser olhada como uma área de pesquisa de importância secundária e sem valor científico. Ao longo dos anos oitenta assistiu-se a um crescimento constante do interesse pela teoria e prática da tradução e, nos anos noventa, os Estudos de Tradução, tornaram-se finalmente numa disciplina de direito próprio, na década que testemunhou a sua globalização. Considerada no passado uma atividade marginal, a tradução começou a ser olhada como acto fundamental do intercâmbio humano e nunca o interesse por ela suscitado foi maior do que hoje em dia, em que o estudo da tradução acompanha o aumento da sua prática em todo o mundo. (SUSAN, 2003, p. 1)

De uma forma geral, a tradução seria um ato de verter de uma língua a outra, sendo via oral ou escrita. Os tradutores são profissionais responsáveis pela transposição de textos ou discursos de uma língua para outra, permitindo que pessoas que escrevem e falam em línguas diferentes possam comunicar-se entre si.

O fato é que não há povo tão isolado e tão auto-suficiente que possa dispensar o acervo de conhecimentos de experiências e conhecimentos de outros povos, e o intercâmbio de tais conhecimentos só é possível pela via da tradução: pois mesmo quando lê um texto estrangeiro, o leitor está afinal traduzindo, de certa maneira. (CAMPOS, 1987, p.8)

Apesar da maioria das pessoas julgarem que tradutores e intérpretes, traduzem, na realidade o tradutor *traduz* textos escritos e o intérprete *interpreta* discursos orais. Tanto um quanto o outro necessitam conhecer as línguas com as quais trabalham, principalmente sua língua nativa.

Os grandes mestres da arte ou técnica de traduzir costumam recomendar que os tradutores conheçam e dominem, igualmente bem, tanto a língua original quanto a língua da tradução; e que, em caso desse conhecimento e domínio ser mais perfeito em uma das duas, que o seja na língua para a qual é feita a tradução, que em geral é a língua materna (CAMPOS, 1987, p.48)

Outro fator indispensável é conhecer a cultura dos países onde essas línguas são faladas. Também é exigido o respeito pelo sentido, estilo. Exemplo, para traduzir um manual técnico é exigido do tradutor domínio de termos e expressões técnicas. Para traduzir um poema se requer um conhecimento do autor, das suas obras, da sua cultura. A linguagem poética muitas vezes está baseada em imagens e metáforas e um bom tradutor tem que ser capaz de reproduzi-las mantendo suas características literárias.

Toda comunicação artística, seja poesia ou conto ou romance, já é sempre formulada em duas línguas, como sugere Edward Balcerzan: na língua natural e na língua da tradição literária de uma dada civilização. E é mais ou menos óbvio que uma tradução satisfatória da obra de arte literária, assim produzida, há de requerer do tradutor uma aptidão artística à altura. E o professor Paulo Rónai lembra que uma tradução artística é tão rara quanto um bom casamento, exigindo o milagroso encontro de uma boa obra original com um bom tradutor. (CAMPOS, p.59)

De acordo com o estatuto jurídico do tradutor a lei nº 5.988, as adaptações, traduções de obras originais, previamente autorizadas, são tidas como uma obra intelectual nova, da qual o tradutor é autor. Assim sendo, pode-se dizer que, de acordo com o estatuto, ser tradutor implica em ser um intelectual.

Essa indiferença, por assim dizer, dos próprios usuários, em relação ao trabalho do tradutor, usuários, em relação ao trabalho do tradutor, contribui decisivamente para o desprestígio social desse tipo de trabalhador intelectual, cujo nome só costumam ser lembrado quando ele comete algum erro grave (...)(CAMPOS, 1987, p. 64)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a professora Patrícia Peterle solicitou a leitura de Said, Sartre, Bobbio, Silone e fazer um paralelo entre a idéia do intelectual para os três primeiros autores, com a obra Fontamara (Silone), tive a oportunidade de tirar uma dúvida que era saber se um tradutor poderia vir a ser considerado um intelectual.

(...) O tradutor é visto como um libertador, alguém que liberta o texto dos signos fixos da sua forma original, acabando com a subordinação ao texto de partida, mas procurando visivelmente fazer a ponte entre o autor e o texto originais e os possíveis leitores da língua de chegada. (SUSAN, 2003, p.10)

Hoje em dia parece haver uma crise do que seria um intelectual. Com base nas idéias de Said, Sartre e Bobbio podemos inferir que o intelectual para Bobbio é aquele que agita, levanta problemas, elabora programas ou teorias. É aquele que assume o que faz, que se responsabiliza pelos seus atos. Para este autor o intelectual está destinado a desaparecer.

Said diz que os escritores são vistos como espécies tardias do intelectual clássico, que eles têm sempre algo a dizer e que são insubstituíveis. O intelectual deve referir-se a valores universais: razão, direitos humanos, liberdade. Ele é comparado a um exilado, sendo que o exílio é visto como algo bom é estar e deixar os outros inquietos. O exilado não leva consigo suas origens, não está livre do passado e muito menos totalmente integrado ao futuro, ele está no meio do passado e do presente e é no “exílio” que ele consegue coragem para mostrar seu poder.

(...) Ao escritor cabe dar às palavras uma forma ideal e imutável enquanto ao tradutor cabe a tarefa de as libertar do confinamento da língua de partida insuflando-lhes uma nova vida na língua para que são traduzidas. (PAZ apud SUSAN, 2003, p. 8)

O pensamento sartriano era que os intelectuais tinham de exercer um papel ativo na sociedade, que o homem é livre e responsável por aquilo que está ao seu redor, que somos responsáveis por nosso passado, presente e futuro. Sartre o que mais assumiu a figura do intelectual, o que mais se envolveu nas polêmicas da sua época, diz que o intelectual não pode estar alheio ao mundo que o cerca, ele precisa servir à literatura e servir à coletividade, ele deve estar cara a cara com os

acontecimentos, com os dramas, com a felicidade, isso é que é ser um intelectual responsável e engajado. O poder tem que ter medo do intelectual porque este se mete em tudo que é, e o que não é da sua conta, tornando-se assim um traidor para a classe dominante. Segundo o autor o lugar do intelectual crítico é o exílio (sentido já anteriormente explicado).

Neste sentido, podemos considerar o tradutor da obra Fontamara (obra traduzida em 22 idiomas) como um intelectual? Se formos acessar sites de tradução, com certeza eles dirão que sim, tradutores são grandes intelectuais, pois não é apenas fazer uma faculdade, ter um certificado e alguém passa a ser um tradutor. Ser tradutor/intérprete requer muito mais conhecimento, estudo, preparação e dedicação.

Hoje em dia a mobilidade dos povos em todo o mundo reflecte o próprio processo de tradução, pois a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra – ela é hoje correctamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor. (SUSAN, 2003, p. 9)

Lembrando que de acordo com o estatuto jurídico do tradutor a lei nº 5.988, as adaptações, traduções de obras originais, previamente autorizadas, são tidas como uma obra intelectual nova, da qual o tradutor é autor.

10. Habitue-se ao seu papel de ator.

(Karl Dedecius tenta investir o tradutor no papel de um ator que vai interpretar um personagem – o autor, no caso – sem precisar, para isso, abrir mão de sua própria personalidade. Dedecius coloca em “primeiro plano” o autor do texto traduzido, e de forma tal que ninguém possa deixar de reconhecer-lhe a presença atuante e decisiva. (CAMPOS, 1987, p.43)

Assim sendo, pode-se dizer que, de acordo com o estatuto, ser tradutor implica em ser um intelectual. Até a confecção deste artigo eu não era a favor desta idéia, achava que o tradutor era um profissional detentor de um grande conhecimento que permitia que outras pessoas tivessem acesso a obras que estivessem em outra língua, mas nunca um intelectual.

Um tradutor precisa estar continuamente atualizado e para isso tem que ler muito, e quanto maior o número de línguas ele dominar melhor.

O simples conhecimento da língua-fonte, em que foi escrito o texto original, sem sempre ou quase nunca é suficiente para que o conhecedor venha a ser um bom tradutor; mesmo porque, vez por outra, aparecem, em toda e qualquer língua, palavras e expressões em permanente mutação semântica, cujas variações não são fáceis de acompanhar mesmo por parte dos que a falam habitualmente e desde o berço; (...)(CAMPOS, 1987, p. 47)

Concordo com todo o acima exposto no que diz respeito à preparação, dedicação de um tradutor/intérprete, mas prefiro pensar como Sartre que defende a figura do intelectual como aquele que é engajado, “antenado” (não estar alheio ao mundo), que serve à literatura, ao coletivo, mas não estou de acordo que o poder deva ter medo do intelectual, pois o papel do intelectual é defender a verdade, é falar a verdade, mesmo que seja o simples fato de estar fazendo uma tradução, pois neste momento, o tradutor pode vir a fazer uso da subjetividade e intervir, o que não deveria acontecer. O Poder está a serviço da comunidade e para tanto não deve temer a nada, nossos representantes precisam ser verdadeiros, honestos e se assim forem, não tem porque temer ao intelectual.

No presente artigo contatamos que o papel do intelectual no século XX não mais pode ser de legislar e sim de interpretar, oras, o tradutor também pode vir a ser um intérprete, sendo assim, ele também pode ser considerado um intelectual?

Ignazio Silone escritor considerado uma das grandes personalidades intelectuais. O meu questionamento é: Silone é um escritor e é considerado um intelectual. E por que o tradutor das suas obras não pode ser também considerado um intelectual? Pergunto isso porque eu, enquanto aluna do curso de Estudos da Tradução e alguns amigos de curso, não possuímos a mesma opinião.

Nos finais da década de setenta nasceu uma nova disciplina acadêmica: os Estudos da Tradução. Era manifesta a dificuldade de lermos literatura traduzida sem nos perguntarmos se os fenômenos lingüísticos e culturais *seriam* realmente “traduzíveis” e sem explorarmos com alguma profundidade o conceito de “equivalência”. (SUSAN, 2003, p. VII)

Para uns, nós tradutores somos intelectuais também, mas para outros somos apenas reprodutores das idéias de alguém. Será? E se não fosse pelo nosso serviço de traduzir, como as pessoas teriam acesso a tantas obras em línguas diferentes da nossa língua nativa?

E por aí vão as opiniões de uns e outros, uns a favor, outros contra; mas o fato é que, mesmo as pessoas mais acirradamente contrárias à tradução, acabam recorrendo a ela – pois ninguém é capaz de cominar com perfeição todas as línguas que se falam nas mais diversas partes do mundo, e muito menos as que se falaram em épocas distantes hoje consideradas “mortas”(CAMPOS, 1987, p.9)

E ser um artista é ser um intelectual? E toda a arte da tradução não valeria um título de sermos considerados um intelectual?

(...) De acordo com uma leitura do papel do tradutor, este é uma força do bem, um artista criativo que garante a sobrevivência da escrita no tempo e no espaço, um mediador intercultural e um intérprete, uma figura de incomensurável importância para a continuidade e difusão cultura. (SUSAN, 2003, p. 7)

Said diz que os escritores são vistos como espécies tardias do intelectual clássico, que eles têm sempre algo a dizer e que são insubstituíveis.

Há algum tempo um conhecido editor carioca apareceu, numa entrevista de televisão, gabando-se do sucesso de sua editora e creditando tal sucesso ao elevado gabarito dos autores por ela publicados, estrangeiros em sua maioria; mas em nenhum momento esse mesmo editor foi capaz de citar o obscuro e indispensável trabalho de seus tradutores, alguns também famosos como escritores brasileiros. (...) (CAMPOS, 1987, p. 63,64)

E nós tradutores, somos insubstituíveis? Somos indispensáveis? Sim somos! Então somos intelectuais!

Abstract: This article proposes closer philosophers such as Said (2005), Sartre (1994) and Bobbio (1997), but keeping with the concept of the contemporary intellectual figure, since it is intended to investigate the role of the intellectual translator. The proposal is to do a reading of some works of the writers mentioned above, making a theoretical path from the reflections of these authors, what comes to be an intellectual. Then, intend to exceed the poetics of the novel "Fontamara" the Italian writer Ignazio Silone (translated into 22 languages) and finally propose to make a parallel between the readings of authors and works mentioned above to the profession of translator. There will be a connection between the translator and the image of an intellectual, see if a translator, in view of the aforementioned authors, might be considered an intellectual. And before the society of our century, as seen this professional? It is valued?

Key-words: Writers, intellectual, translator.

REFERÊNCIAS

- BOBBIO, N. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo, Editora da UNESP, 1997, p. 21, 22.
- CAMPOS, Geir – Como fazer Tradução, Ed Vozes, RJ - 1987, p. 8.
- PAZ, Octavio – Translation: Literature and Letters. Trad. Irene del Corral. *In* SCHULTE, Rainer; BIGUENET, John (Eds) – Theories of Translation. An Anthology of Essays Dryden to Derrida. Chicago: University of Chicago Press, 1992, p. 36-55
- Apud* SUSAN, Bassnett – Estudos de Tradução – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003, p. 8.
- SAID, Edward. Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 4.
- SARTRE, Jean-Paul. Em defesa dos intelectuais. Trad. Sérgio Góes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.
- SILONE, Ignazio 1900-1978 – Fontamara; tradução e apresentação de Doris Natia Cavallari; Ed. Berlendis & Vertecchia Editores Ltda, 1ª Ed.
- SUSAN, Bassnett – Estudos de Tradução – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003, p. 10.